

## PAISAGENS DE SI E DOS OUTROS: MUSEU DA UFPA ENQUANTO PAISAGENS RESSIGNIFICADAS

Rosangela M. de Britto – UFPA

Flávio Leonel da Silveira - UFPA

### Resumo

O Museu da Universidade Federal do Pará (MUFPA) situado no palacete de Augusto Montenegro é o *locus* da pesquisa realizada no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Antropologia na Universidade Federal do Pará (PPGA-UFPA), cuja perspectiva segue a abordagem da Antropologia da Paisagem – no entremeio de campos de saberes – a fim de analisarmos o patrimônio cultural musealizado, ora como “lugar de memória”, ora pela via do “espaço como lugar praticado”, associado aos vínculos simbólico-afetivos e suas “formas sensíveis” reveladoras da poética de ser e estar num espaço de significações e sentidos da/na cidade.

**Palavras-chave:** Paisagens si e dos outros; Formas sensíveis; Museu de Arte Universitário; Antropologia da Paisagem.

### Abstract

*The Museum of the Federal University of Pará (MUFPA) located in the mansion of Augusto Montenegro is the locus of the research conducted in the graduate program in anthropology at the Federal University of Pará (UFPA-PPGA), whose perspective follows the approach of the anthropology of landscape-in inset field knowledge-in order to look at the musealizado cultural heritage as a "place of memory" through "space" as practiced, associated with the symbolic-links and its affective "revealing" sensitive forms of poetic and be in a space of meanings and senses of/in the city.*

**Keywords:** *Landscapes themselves; Others and sensitive forms; University Art Museum; Anthropology of landscape.*

## PAISAGENS DE SI E DOS OUTROS: MUSEU DA UFPA ENQUANTO PAISAGENS RESSIGNIFICADAS

### Introdução

A ideia de “paisagens” na tese é compreendida como zonas de interseção ou de intercâmbios<sup>1</sup> de saberes e fazeres (BRITTO; SILVEIRA, 2010). O patrimônio é focado como “lugar de memória” (NORA, 1993) e, por conseguinte, como um *locus* privilegiado de produção e de ordenação de

sentidos nas sociedades complexas urbano-industriais. Assim, partimos do pressuposto de que qualquer ideia e/ou percepção de *paisagem*:

[...] está imersa em um processo cognitivo, vinculado ao jogo sutil de adesão às imagens que a mesma suscita e, assim, a uma perspectiva estética, uma vez que toda paisagem implica a presença de uma dimensão sensível e emocional por parte do humano (SILVEIRA, 2009, p. 72).

Neste intuito, a pesquisa abordará como tema geral a invenção do patrimônio musealizado na cidade de Belém, enquanto paisagens pessoal e/ou coletiva. Em especial, será realizada a análise cultural dos objetos/coisas em termos espaciais e mediante práticas espaciais específicas, como o caminhar, o morar, as práticas culturais de usuários da cidade no espaço de seu bairro ou ilha, as percepções conceituais sobre Museu e Patrimônio pelos cidadãos, assim como as maneiras de frequentar algumas exposições realizadas no Museu da Universidade Federal do Pará (MUFPA) (CERTEAU, 2008; MAYOL, 2008).

A etnografia a ser realizada vai ao encontro da ideia exposta por James Clifford (2000, p.51-79) no artigo *Culturas Viajantes*, ao adentrarem no domínio de um estudo cultural comparativo como as histórias específicas, táticas, práticas cotidianas de *morar* e *viajar*, *viajar-morando*, *morar-viajando*, em que o autor propõe que as dinâmicas etnográficas específicas de *morar* e *viajar* sejam analisadas comparativamente e na tentativa de traçar mediações concretas entre as figuras do “nativo” e a figura intercultural do “viajante”. Nesta direção, a representação será vista como sendo a descrição, na linha de um *cronotopo*<sup>2</sup> da cultura. Ademais, essa ideia de *cronotopo* da cultura figura como uma cena que organiza tempo e espaço numa maneira completa e representável, que permite pensar a cultura e sua ciência, a antropologia, em termos de viagem, que nos leva a questionar o olhar “naturalizador, orgânico, do termo *cultura* – visto como um corpo enraizado que cresce, vive, morre etc. Adquirem maior nitidez as *historicidades* construídas e discutidas, os locais de deslocamento, interferência e interação” (CLIFFORD, 2000, p.58, grifo do autor). O autor complementa a ideia de cultura como viagem, orientando-nos a apostar no desafio de novas estratégias de representações e de pensar a cultura e seus

lugares de memória como “lugares atravessados” (CLIFFORD, 2000, p.61), com múltiplos centros, portanto, multifocal.

É a partir dessas premissas que se almeja analisar os lugares de memória no tecido urbano de Belém, em que se pretende interpretar a ideia de Museu<sup>3</sup> e de tempo livre<sup>4</sup> ao deslocamento do corpo no tecido urbano, do bairro de Nazaré à ilha de Cotijuba. Também nos apoiamos na concepção de que as coleções, os museus e os patrimônios são considerados como categorias de pensamento e como gêneros de discurso, considerando os artefatos estéticos produzidos pelo homem a partir da contribuição das modernas concepções antropológicas de cultura, segundo nos aponta José Reginaldo Gonçalves (2007).

Esta comunicação pauta-se nas questões postas sobre a categoria de “paisagens”, com o intuito de apresentar uma breve reflexão sobre o subtema “Subjetividades, invenções de si” proposto para o Encontro da ANPAP, em especial ao grupo “Patrimônio, Conservação e restauro”. A reflexão parte do tema da “subjetividade” a partir de Félix Guatarri (1992), inter cruzado com alguns autores da perspectiva pós-moderna da teoria antropológica, visando expandir a correlação entre os conceitos de subjetividade para *intersubjetividade* e/ou *interobjetividade* associados às pesquisas sobre preservação e patrimônio cultural. Ao final, apresentamos o estágio atual da pesquisa em andamento sobre a temática do uso ou apropriação do patrimônio cultural musealizado, como uma possível conclusão.

### **Paisagens de si e dos outros**

Paul Gauguin (1843-1903) (Figura 1), um dos precursores do simbolismo na arte, em sua pintura de 1897, intitulada *Donde vivimos? Quem somos? Para onde vamos?* – uma obra que corresponde a sua última fase artística e que, de certa maneira, representa o resumo da resposta emocional do artista em relação à vida e ao seu meio cultural, social e político circundante. Cito a trajetória de Gauguin no intuito de sintetizar, por meio desta imagem, a relação do artista com a realidade, estendendo essa correlação com o processo de produção de conhecimento, na relação sujeito-objeto, enquanto método científico de abordagem da realidade.

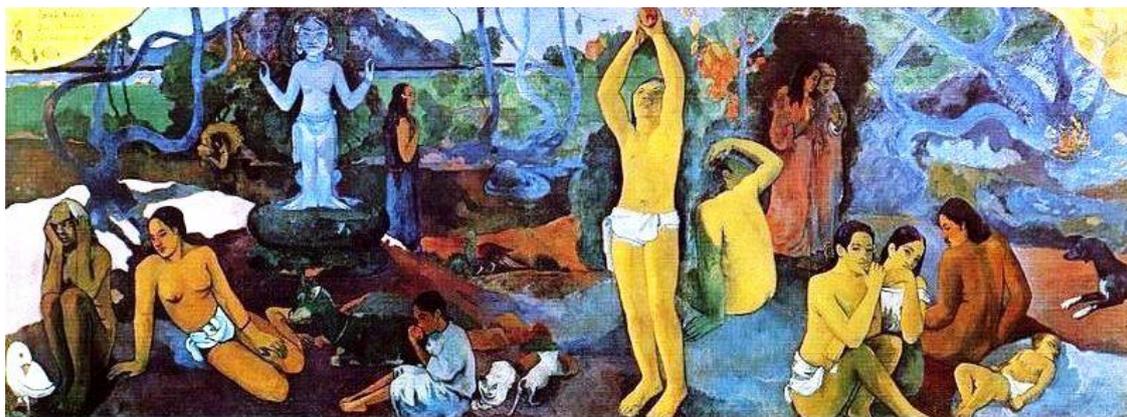


Figura 1. Paul Gauguin - Donde vimos? Quem somos? Para onde vamos?

Óleo sobre tela, 1897. Fonte: <http://www.paul-gauguin.net>

No final do século XIX, os avanços trazidos pelas descobertas das novas técnicas industriais permitiram mudanças nas técnicas artísticas e transformações na psicologia da visão. O marco foi a invenção da fotografia, em 1839, fato este que refletiu nas correntes artísticas ligadas ao Impressionismo, como o Pós-impressionismo e o Simbolismo. Nesta conjuntura verificaram-se outras posturas do artista perante a realidade e sua maneira de constituição da obra de arte, enquanto relação da forma e conteúdo. O projeto artístico de Gauguin e de sua prudente política cultural, conforme reporta Argan (1992, p.75-149), ao afirmar que o artista criou sua própria lenda – a do artista que se põe contra a sociedade de sua época, assegurando assim que a civilização ocidental estava deslocada e que tinha conduzido o homem a uma vida incompleta e voltada ao ganho material. O projeto político cultural de Gauguin foi de sair desse ambiente citadino parisiense para se reencontrar na natureza e entre pessoas não envolvidas pelos progressos da época; morou entre os camponeses da Bretanha, no oeste da França; em seguida, no Panamá e na Martinica e, finalmente, mais longe, no Taiti, no sul do Pacífico. Tudo no intuito de “redescobrir por si mesmo o universo oculto do sentimento” (JANSON; JANSON, 1988, p. 346; ARGAN, 1992, p.75-149).

Cardoso de Oliveira (2003, p. 191-203) no artigo intitulado *Tempo e Tradição: interpretando a antropologia*, a partir das reflexões heidderiana<sup>5</sup> sobre a filosofia, que o conduz a refletir a respeito da formação da disciplina, o autor se permite questionar qual o *SER da antropologia*, ou mesmo - O que é isto que os antropólogos chamam de antropologia?

Na epígrafe de Heidegger referente ao trecho do “Que é isto - a Filosofia?” Cardoso de Oliveira (2003, p.13-25), citando o filósofo, sugere que no lugar da palavra *filosofia* se alterasse o termo para *antropologia*, ou seja, o “espanto carrega a [*antropologia*] e impera em seu interior”. Assim, seguindo as mesmas reflexões de Heidegger (s.d, p.1-16) sobre a filosofia, poderíamos juntar a interrogação do *tema: a antropologia*, como *modo* que perguntamos – *O que é isto?* – conduz-nos a um ponto “acima da filosofia” ou mesmo da antropologia, mas o intuito “é penetrar *na* filosofia [*antropologia*]” ou mesmo dos questionamentos do Homem perante a realidade.

Nesta direção, pedimos licença para aproximar a estética e poética da obra de Gauguin ao *Ser da Antropologia* proposto por Cardoso de Oliveira (2003), em que as interrogações pictóricas de Gauguin nos conduzem a refletir sobre a concepção de mundo ligada a um sistema de ideias e pensamentos, que nos entrelaçam ao proposto por Heidegger, em que o filósofo nos chama a atenção “ao fato de que a filosofia e o filosofar fazem parte de uma dimensão do homem”, que o autor designa de *dis-posição*, no “sentido de uma tonalidade afetiva que nos harmoniza e nos convoca por um apelo” (HEIDEGGER, s.d, p.12); e complementa que a origem desta correlação é o *espanto*. Ainda segundo o filósofo, *páthos (espanto) é o arkhé da filosofia* e deve ser compreendido em seu pleno sentido, no que designa aquilo de onde algo surgiu, em que o “de onde” conduz consigo o “surgir”, e o que impera nesta direção é que a questão posta é carregada de historicidade (HEIDEGGER, s.d, p.1-16).

O conhecimento antropológico tem como objeto de estudo o *Outro*, em especial outras sociedades, outras culturas, inicialmente diferenciadas do pesquisador. O espanto é uma caracterização necessária da relação do antropólogo com o *Outro*, enquanto abordagem da pesquisa antropológica,

mas este pode ter sido uma barreira que inibiu durante certo período<sup>6</sup> o espanto dos antropólogos em relação ao seu próprio saber e ofício no exercício antropológico (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2003, p.13-25). A antropologia se definiu a partir do exotismo de seu objeto de estudo e pela distância, compreendida na sua dimensão cultural e geográfica. Porém, ao longo do século XX, na década de 60, a comunidade acadêmica percebeu que o que era considerado objeto de estudo da antropologia, de fato caracteriza a sua abordagem (PEIRANO, 1992, p.67-102). Na década de 80 do mesmo século, Clifford Geertz proclamou a ideia de que “agora somos todos nativos” (GEERTZ apud PEIRANO, 1990, p. 72), ou seja, após a tradição em que o exercício do fazer antropológico pressupunha a distância geográfica e cultural, a etnografia foi trazida para casa. Complementando as nossas reflexões sobre o “estranhamento”, Peirano esclarece que:

[...] *um exercício de estranhamento existencial e teórico*, que passa por vivências múltiplas e pelo pressuposto da universalidade da experiência humana. Este estranhamento o antropólogo aprendeu a reconhecer, no início, longe de casa. [...] Na antropologia, a pesquisa depende, entre outras coisas, da biografia do pesquisador, das opções teóricas da disciplina em determinado momento, do contexto histórico mais amplo e, não menos, das imprevisíveis situações que se configuram no dia-a-dia no local da pesquisa, entre pesquisador e pesquisados. Se estes imponderáveis são comuns também em outras ciências sociais, na antropologia eles ficam ressaltados *pela relação de estranhamento* que a pesquisa de campo pressupõe e que resulta na questão do *exotismo canônico da disciplina* [...] (PEIRANO, 1992, p. 2-21; p.8, grifo nosso).

Mariza Peirano<sup>7</sup> (1990, p. 2-12) nos fala do processo de transmissão disciplinar, no qual se combinam “teoria-e-história”, da mesma forma que é “teoria-e-etnografia” e é “sobre a tensão entre presente teórico e a história da disciplina que a tradição da antropologia se transmite” (PEIRANO, 1990, p.5).

Ao reportar-se à pesquisa de campo da antropologia, que é “concebida como a procura incessante do diálogo com o *outro*”, assim, o “estranhamento passa a ser não só a via pela qual se dá o confronto entre diferentes teorias, mas também o meio de autorreflexão” (PEIRANO, 1990, p.4, grifo da autora).

O *SER da antropologia*, ou seja, pensar a antropologia em seus fundamentos ou modalidades de conhecimentos nos conduz a aportar nos clássicos da

disciplina, que são “criações sociologicamente necessárias teoricamente indispensáveis” (PEIRANO, 1997, p.68) – é a partir deles que os praticantes se identificam. Já os autores pós-modernos da teoria antropológica em suas reflexões sobre o antropólogo como autor, nos conduzem a uma antropologia dialógica, em que há sempre uma tensão entre “re-apresentação e presença” que ao falarmos a respeito dos outros, implica em “falar com os outros”, segundo Johannes Fabian (1990, 2006), ao refletir sobre uma antropologia orientada pela linguagem, que se baseia no alicerce de uma intersubjetividade humana. O que Dennis Tedlock (1986) sugere em sua proposta de uma Antropologia do Diálogo, referindo a origem grega do termo, “dia-logos”, “falando de um lado ao outro” (TEDLOCK, 1985, p.184). Mas ao nos reportamos sobre essa troca de diálogos, adentramos na esfera específica das ciências sociais, na nomeada “interobjetividade humana” que equivale a “intersubjetividade humana”. Neste sentido, afirmamos que:

O diálogo antropológico cria um mundo, ou a compreensão das *diferenças entre dois mundos*, que existe entre pessoas que se encontravam indeterminadamente distantes, de todas as formas possíveis, no momento em que resolveram partir para uma conversa. [...] a *objetividade* que normalmente se atribui às ciências sociais não é nada mais que a *subjetividade* do observador, fazendo suas próprias afirmações além daquelas do sujeito observado [...] (TEDLOCK, 1985, p.185).

A frase “paisagens de si e dos outros” insere-se nestas perspectivas teóricas abordadas pelo campo da Antropologia, que nos permite lançar novas luzes nas reflexões sobre a temática do “patrimônio, da conservação e da restauração” ao encontro do diálogo “com o Outro”. Neste sentido, a noção sobre patrimônio e preservação podem ser compreendidas a partir da ambigüidade da noção antropológica de cultura, que tem a antropologia como sua ciência de base. Essa noção é “permanentemente exposta às mais diversas concepções nativas” (GONÇALVES, 2003, p.28). Já a preservação, vai ao encontro do que Heloisa Costa (2007, p.119-129) nos afirma, ou seja, no intuito de viabilizar a proteção de qualquer um e de qualquer coisa. Nesta direção, é “uma ação que se faz com intensidade para alguém ou alguma coisa, portanto, tem um objetivo mais amplo em direção ao humano, à transmissão, à formação dos indivíduos” (COSTA, 2008, p.122). Assim, são

ações de acolhimento, que pressupõem critérios de escolha, seleção, decisão e sensibilização.

### **Patrimônio, como intersubjetividades ou enquanto *paisagens de si e dos outros***

Guattari (1992) nos apresenta a *subjetividade*, como instâncias individuais, coletivas e institucionais. De fato, para o autor, a subjetividade é plural, portanto, de caráter polifônico<sup>8</sup>. Assim, a teoria de Guattari nos apresenta a noção de *caosmose*, como um novo paradigma proto-estético, que se refere à dimensão da criação em um estado nascente, uma autopoiesis, ou seja, a promoção permanente de agenciamentos enunciativos. Estes agenciamentos se articulam a uma dimensão ético-política, em que Guattari (1995) nomeia de *ecosofia*, que significa os três registros ecológicos: o do meio ambiente, o das relações sociais e o da subjetividade humana.

Neste sentido, para refletirmos sobre a noção de patrimônio histórico (arquitetônico), a partir destas reflexões advindas da teoria antropológica sobre intersubjetividade e a dimensão da subjetividade, conforme sucintamente exposto por Guattari (1992;1995), também apoiados na reflexão de Guattari (1992) sobre a inseparabilidade do corpo e do espaço pelo viés de uma abordagem fenomenológica, em que o autor nos mostra que a “dobra do corpo sobre si mesmo é acompanhada por um desdobramento de espaços imaginários” (GUATTARI, 1992, p.153). A redefinição dessas relações do espaço e do corpo nas palavras do autor se dá pela:

[...] redefinição das relações entre espaço construído, os territórios existenciais da humanidade (mas também da animalidade, das espécies vegetais, dos valores incorporais, e dos sistemas máqunicos) tornar-se-á uma das principais questões da repolização política, que sucederá o desmoronamento do eixo esquerda-direita entre conservadores e progressistas. Não será mais apenas questão de qualidade de vida, mas de porvir da vida enquanto tal, em sua relação com a biosfera (GUATTARI, 1992, p.165).

Neste sentido, o autor relaciona o porvir da humanidade a um devir urbano e se refere ao arquiteto e ao urbanista como um artista polissêmico e polifônico e que seu ofício, no caso o projetar (design), representado pelo

projeto, deve ser “considerado em seu movimento, em sua dialética. Ele é chamado a se tornar uma cartografia multidimensional da produção de subjetividade” (GUATTARI, 1992, p.177).

### **O MUFPA, por uma antropologia no museu e nas suas paisagens de entorno**

O MUFPA foi criado em 1983 e instalado no Palacete do ex-governador Augusto Montenegro, prédio histórico cujo projeto é do arquiteto-engenheiro italiano Filinto Santoro (1878-1927), datado do ano de 1903 e adquirido pela UFPA na década de 1960. Antes, a edificação de uso residencial, pertenceu a Montenegro, na época o prédio representava as riquezas de uma região enriquecida pela fase áurea de exploração da borracha, entre 1870-1912, a nomeada *Belle Époque* paraense. Após 1909 foi residência das famílias Cardoso e Chamié. A edificação foi tombada pelo patrimônio estadual em 2003, por representar uma das residências de época e por suas características representativas da arquitetura eclética realizada pelos arquitetos italianos no norte do país (DERENJI, 1998; 2008). Sendo assim, os conceitos operatórios, *patrimônio* e *paisagem*, são importantes para a pesquisa em questão ao serem aproximados ao campo da museologia e do patrimônio, bem como do campo da antropologia, em especial da antropologia urbana, que segundo Velho (2006, p.9, grifo do autor), - “[...] é a pesquisa que os antropólogos fazem nas cidades”, em que as cidades se apresentam como “[...] *laboratórios para investigação social* por sua heterogeneidade e complexidade socioculturais” –, propõe uma hermenêutica da paisagem museal como forma de compreender aspectos da dinâmica do mundo urbano contemporâneo, considerando o espaço/cenário/território enquanto possíveis *paisagens* que poderiam ser continuamente ressignificadas como lugares-espacos de pertença pelo homem-sujeito-sociedade-público que interage com/no contexto do MUFPA na metrópole paraense.

Sendo assim, o referente é o patrimônio arquitetônico musealizado que será pesquisado, considerando-se o seu contexto sócio-histórico, percebido como uma edificação constituída no espaço urbano, enquanto forma urbana

apreendida/interpretada/vivida pelos belenenses. Portanto, a partir do MUFPA se buscará estudar a imagem da cidade pela historicidade do lugar e as representações de Museus atribuídas pelos belenenses. Nesta direção de análise, o percurso será realizado em três movimentos, tendo o MUFPA como ponto de apreciação na história do desenvolvimento urbano-histórico da cidade e as representações constituídas de patrimônio e museu pelas pessoas (Figura 2).

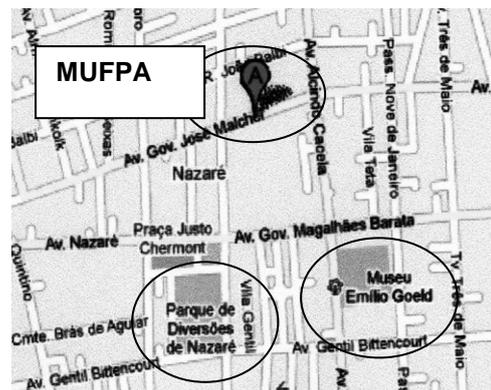


Figura 3: O *lócus* da pesquisa e seus nexos.

Nesta direção, consideramos dois eixos de análise. O Santuário da Basílica de Nazaré, que tem correlação com o Círio de Nazaré, festividade religiosa realizada no segundo domingo de outubro, tendo sido registrada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional como Patrimônio Cultural Nacional Brasileiro, na categoria de patrimônio imaterial, desde o ano de 2004. Outro eixo de interligação ao objeto de estudo a ser analisado é o Museu Paraense Emílio Goeldi, lugar significativo para a constituição da representação de museu no Estado do Pará (Figura 3).

Ao apresentar sucintamente essa aproximação de intercampos de saberes, do campo da Arte e da Antropologia (urbana/visual e da imagem ou mesmo da paisagem), sobre a temática das “subjetividades, invenções de si”, tentamos

refletir sobre as categorias Patrimônio e Preservação, no intuito de engendrar ações estéticas e étnicas de novos caminhos de projetos e/ou políticas de preservação do patrimônio mais compromissada com a “intersubjetividade” ou mesmo uma ação e uma intenção de transformar nossas cidades e patrimônios urbanos, em “cidades subjetivas”, que “engaja tanto os níveis mais singulares da pessoa quanto os níveis mais coletivos” (GUATARRI, 1992,p.170).

Enfim, os significados e sentidos atribuídos aos lugares de pertença podem vir a revelar “vínculos simbólico-afetivos que podem estar relacionados com a ordem do sagrado [...], práticas econômicas ligadas a certos arranjos técnico-culturais [...], bem como às formas de sociabilidade” (SILVEIRA, 2009, p.78). Nesta direção, pensamos que será possível esboçar várias escrituras coletivizadas de paisagens pela invenção ou atribuição de valores que constituem e instituem as narrativas dos patrimônios arquitetônicos musealizados.

## Notas

---

<sup>1</sup> Mediante a análise do patrimônio como elemento ou categoria semântica e, por isso, enquanto produtor de sentidos e efeitos de sentidos, nota-se que o mesmo funciona como espaço discursivo em que o signo cultural está relacionado às noções de espaço-tempo e memória, em que o intercampo é compreendido como uma zona de intercessão – dialógica, tensional, criativa – entre temas, questões e procedimentos.

<sup>2</sup> Cronotopo, termo de origem grega *chrónos*, tempo e *tópos*, lugar.

<sup>3</sup> Museu com “M” maiúsculo se refere ao conceito do termo.

<sup>4</sup>O termo *Tempo Livre* segue algumas considerações expostas por Alain Corbain (2001, p.5-18) no seu livro *História dos Tempos Livres*, em que o autor estuda a genealogia dos usos sociais do tempo. O autor considera que no início do século XIX o tempo de trabalho é ainda descontínuo, em que o tempo de trabalho e o tempo sem trabalho não há ainda uma distinção marcada; num segundo momento, há uma separação entre o tempo do trabalho e o tempo pessoal. Neste momento, há a separação entre um lazer culto, herdado da Antiguidade e periodicamente renomado e a seguir da Segunda Guerra Mundial aumentou o desejo em relação ao tempo próprio, um novo desenho do tempo livre surge, como tempo pessoal, sujeito a um tempo de re-criação, não mais da força do trabalho, mas da própria pessoa. Em outros termos, podemos refletir sobre o tempo livre associado à idéia de uma Antropologia do Consumo, em que a “teoria do consumo tem de ser uma teoria da cultura e uma teoria social” (DOUGLAS; ISHERWOOD, apud ROCHA, 2009, p.1-18).

<sup>5</sup> Para Martin Heidegger (1889-1976), filósofo Alemão mais importante e influente no século XX, o entendimento do *ser*, ou mesmo a compreensão da existência humana se processa na dimensão do *dasein* (ser-aí), do ser humano aberto à compreensão do ser. Na atualidade, essa questão recupera a importância sobre a reflexão do ser que na “tradição do pensamento

moderno dera lugar à problemática do conhecimento e da ciência” (JAPIASSÚ; MARCONDES: 2006, p.128).

<sup>6</sup> A conferência de Cardoso de Oliveira foi realizada em 1984, na XIX Reunião Brasileira de Antropologia (RBA), em Brasília. Acreditamos que passados vinte e dois anos do evento e, já tendo sido realizado a XXVII RBA, as reflexões críticas sobre o ofício do antropólogo e sua formação disciplinar seja uma temática comum e contínua ao atual campo disciplinar da antropologia realizada no Brasil.

<sup>7</sup> Mariza Peirano (1990; 1992) nos artigos intitulados: *Os Antropólogos e suas linhagens (A procura de um diálogo com Fábio Wanderley Reis), A favor da Etnografia*, realiza uma reflexão sobre o fazer antropológico, as linhagens dos autores, a necessária relação da teoria-e-história da antropologia; destaca o tipo de solidariedade que une os antropólogos quando se confrontam com outros cientistas sociais, através de considerações sobre uma tradição disciplinar partilhada. Os artigos resultam de um seminário realizado no Departamento de Sociologia e Política da UFMG, em março de 1991, e a continuidade deste na Mesa Redonda realizada no âmbito do Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS) de 1990, tema Teoria e Método e as Ciências Sociais Brasileiras de Atualidade. Participaram do evento Fábio Wanderley Reis e Luiz Felipe de Alencastro.

<sup>8</sup> Guattari (1992) se reporta à polifonia das formações subjetivas ao reportar-se à estratificação do *self*: *self* emergente (do nascimento até dois anos); *self* núcleo (de dois-três meses até sete-nove meses); *self* subjetivo (de sete-nove meses até quinze meses); *self* verbal (após quinze meses); *self* escritura (entrada da criança na escola); *self* da puberdade, assim por diante.

## REFERÊNCIAS

ARGAN, Giulio Carlo. A Realidade e a Consciência. In: \_\_\_\_\_. **Arte Moderna**. Tradução Denise Bottmann e Frederico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p.75-149.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. Tempo e Tradição: Interpretando a Antropologia. In: OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Sobre Pensamento Antropológico**. 3. ed. Rio de Janeiro Tempo Brasileiro, 2003. p.13-25.

\_\_\_\_\_. As “categorias de entendimento” na antropologia. In: OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Sobre Pensamento Antropológico**. 3. ed. Rio de Janeiro Tempo Brasileiro, 2003. p. 27- 48.

\_\_\_\_\_. Introdução a uma leitura de Mauss. In: **Marcel Mauss: Antropologia**. São Paulo: Ática, 1979. p.7- 50

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: artes do fazer**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2008.

CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A Invenção do Cotidiano: Morar, cozinhar**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2008.

CORBIN, Alain. **História dos Tempos Livres**. Lisboa: Editorail Teorema Ltda. 2001.

CLIFFORD, James. Colecionando Arte e Cultura. Tradução. Anna O. B. Barreto. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n. 23, p.68-89, 1994.

\_\_\_\_\_. Culturas Viajantes. In: ARANTES, Antônio A. **O Espaço da Diferença**. São Paulo: Papius, 2000. p. 51-79.

COSTA, Heloisa F. G. Atribuição de valor ao patrimônio material e imaterial: afinal, com qual patrimônio nos preocupamos? In: CONFERÊNCIA UM OLHAR CONTEMPORÂNEO SOBRE A PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL MATERIAL, 1, 2007, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2008. p. 119-129.

DERENJI, Jussara. Museu como experiência universitária: um reflexão sobre linguagem dos museus que ocupam prédios históricos. In: MOKARSEL, Marisa (Org.). **Artes Visuais** e suas interfaces. Belém: Unama, 2008. p. 69-77. (Linguagens: estudos interdisciplinares, 5).

DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. **O Mundo dos bens**: Para uma antropologia do consumo. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

FABIAN, Johannes. The other revisited. Critical afterthoughts. **Anthropological Theory**. Vol.16, N. 4. 2006. p.139-152.

\_\_\_\_\_. Presence and Representation: The Other and Anthropological Writing. **Critical Inquiry**, v.16, n.4. p.753-772, Summer, 1990..

GUATTARI, Félix. **Caosmose**: um novo paradigma estético. Tradução Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

\_\_\_\_\_. **As Três Ecologias**. Tradução Maria Cristina F. Bittencourt. 5. ed. Campinas: Papirus, 1995.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **A retórica da Perda**: os discursos do Patrimônio Cultural no Brasil. 2. ed. Rio de Janeiro: UFRJ/IPHAN, 2002.

\_\_\_\_\_. O patrimônio como categoria de pensamento. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Orgs.). **Memória e Patrimônio**: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p.21-29.

\_\_\_\_\_. Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônios. In: **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre. n. 23. ano 11. p.5-36. jan./ jun. 2005. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/há/v11n23/a02v1123.pdf>> Acesso em: 29 jul.2007.

HEIDEGGER, Martin. Qu'est-ce que la philosophie? Tradução e notas de Emildo Stein. Grupo Acrópolis (Filosofia) - Homepage <http://br.egroups.com/group/acropolis/>. Disponível em: < <http://www.cfh.ufsc.br/~wfil/isto.pdf> >. Acesso em: 28 dez. 2010.

JANSON, H.W; JANSON, Anthony F. Pós-Impressionismo. In: \_\_\_\_\_. **Iniciação à História da Arte**. Tradução Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1988. p. 342-356.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva: Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: \_\_\_\_\_. **Sociologia e Antropologia**. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2003. p.185-314.

PEIRANO, Mariza. Onde está Antropologia? **Mana: Estudos de Antropologia Social**, Rio de Janeiro, v.03, n.2, 1997. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/mana/v3n2/2441.pdf>>. Acesso em: 17 dez. 2010.

---

PEIRANO, Mariza. A favor da Etnografia. **Série Antropologia**, Brasília, n. 130, 1992. p.67-102. Disponível em: < <http://vsites.unb.br/ics/dan/Serie130empdf.pdf> >. Acesso em: 17 dez. 2010.

PEIRANO, Mariza. Os antropólogos e suas linhagens (a procura de um diálogo com Fábio Wanderley Reis). **Série Antropologia**, Brasília, n.102, 1990. p. 2-12. Disponível em: <<http://vsites.unb.br/ics/dan/Serie102empdf.pdf> >. Acesso em: 17 dez. 2010.

MAYOL, Pierre. O Bairro. In: CERTEAU, Michel; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A Invenção do Cotidiano**: Morar, cozinhar. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Rio Petrópolis: Vozes, 2008.p.37-45.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. Tradução Yara Aun Khoury. **Projeto História**, São Paulo, n.10, p.1-28, dez., 1993.

SANSOT, Pierre. Les Fomes Sensibles da La Vie Sociale. In:\_\_\_\_\_. **Sauver Le sensible**: interpréter, décrire, réciter. Paris: PUF, 1979, p.11-62.

SILVEIRA, Flávio Abreu da. A paisagem como fenômeno complexo, reflexões sobre um tema interdisciplinar. In:\_\_\_\_\_; CANCELA, Cristina Donza (Org.). **Paisagem e Cultura**: Dinâmicas do patrimônio e da memória na atualidade. Belém: EDUFPA, 2009, p.71- 83.

\_\_\_\_\_. Escrituras de paisagens: aproximações de intercampos de Saberes como uma das possibilidades de invenção do patrimônio cultural musealizado. In: 1º COLOQUIO IBERO AMERICANO: PAISAGEM CULTURAL, PATRIMÔNIO E PROJETO, 09 a 12 de agosto de 2010, Belho Horizonte. **Anais...** Minas Gerais: UFMG, 2010. 1 CD-ROM.

TEDLOCK, Dennis. A Tradição analógica e o surgimento de uma antropologia dialógica. **Anuário Antropológico**, 85.Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/UNB, 1986. p.183-202.

### **MsC. Rosangela Marques de Britto**

Arquiteta, Museóloga, Artista Plástica. Mestre em Museologia e Patrimônio pela UNIRIO/MEC e MAST/MCT. Professora assistente da UFPA, do Instituto de Ciências da Arte (ICA), nos Cursos de Museologia e Artes Visuais. Membro da ANPAP, comitê Patrimônio, Conservação e Restauro. Doutoranda em antropologia pelo PPGA da UFPA/IFCH.

### **Dr. Flávio Leonel Abreu da Silveira**

Doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professor adjunto I da UFPA. Áreas de interesse: imaginário; paisagem; memória; relações entre cultura e natureza; Antropologia Urbana; Antropologia da Ciência.